

## **Comunicação e desenvolvimento rural a partir do olhar das redes de agroecologia nos territórios Agreste Alagoano e Alto Sertão Sergipano<sup>1</sup>**

Maria Clara Guaraldo NOTAROBERTO<sup>2</sup>  
Fabiane Rodrigues FERRÃO<sup>3</sup>  
Selma Lúcia Lira BELTRÃO<sup>4</sup>

Universidade de Brasília (UnB)  
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência realizada pela Embrapa e a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) em processos formativos de comunicação comunitária e agroecologia. Durante dois anos, foram realizadas oficinas nos Territórios da Cidadania Agreste Alagoano e Alto Sertão Sertipano, mobilizando cerca de 100 participantes, entre comunicadores e lideranças comunitárias, além de agricultores agroecológicos. Todo o processo de construção da metodologia foi participativo, com o protagonismo das redes de agroecologia e da ASA na elaboração dos conteúdos. Entre os temas abordados estão a comunicação contra-hegemônica, a agroecologia e os processos de desenvolvimento local. Essa experiência teve como um dos resultados a construção de uma metodologia de comunicação identificada pela Fundação Banco do Brasil como tecnologia social no campo da educação e agroecologia.

### **Palavras-chave**

Comunicação contra-hegemônica, agroecologia, desenvolvimento local

### **Introdução**

Os processos agroecológicos e a comunicação comunitária cada vez mais se fortalecem como movimentos contra-hegemônicos ao agronegócio e às mídias convencionais, em um processo de resistência ao paradigma da modernização,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista mestranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG-MADER – Faculdade UnB de Planaltina, especialista em Estratégias de Comunicação, Mobilização e Marketing Social pela UnB, email: [clara.guaraldo@embrapa.br](mailto:clara.guaraldo@embrapa.br)

<sup>3</sup> Técnica em Agropecuária e em Agroindústria; mestranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural – PPG-MADER – Faculdade UnB de Planaltina; Bolsista pela CAPES, e-mail: [fabyaneferrao@yahoo.com.br](mailto:fabyaneferrao@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Jornalista, Mestre em Política e Gestão de Ciência e Tecnologia pela Universidade de Brasília – UnB, email: [selma.beltrao@embrapa.br](mailto:selma.beltrao@embrapa.br)

sustentado pelo produtivismo economicista, pelos postulados epistemológicos positivistas e pelo difusionismo tecnológico - pacotes tecnológicos que impõem forte ênfase na questão comunicacional, tanto referentes às informações necessárias para avaliar e aplicar inovações, quanto às mensagens motivadoras e persuasivas que promovem uma atitude inovadora geral (BORDENAVE, 1983).

É justamente por isso que a agroecologia é hoje um contraponto ao paradigma dominante do agronegócio, pois se caracteriza por ser uma ciência que busca, na sua essência, realizar inovações tecnológicas por meio da tríade baseada na ciência, na prática dos agricultores e na participação dos movimentos sociais. Diferentemente da ciência tradicional que estabelece como verdade uma única corrente de pensamento da pesquisa cartesiana e a torna inquestionável para os milhares de agricultores e agricultoras, a agroecologia tem se destacado por se constituir em uma proposta diferenciada, que busca a construção coletiva do conhecimento e o cooperativismo na sua forma de desenvolvimento.

Para Petersen (2013), a agroecologia é ciência porque elabora um questionamento radical à agricultura industrial fornecendo bases conceituais e metodológicas. É prática social por valorizar os conhecimentos tradicionais e fortalecer a dinâmica de recampesinização, refundando a relação entre a agricultura, a natureza e a sociedade. E é movimento social, pois mobiliza atores engajados na justiça social, saúde ambiental, segurança e soberania alimentar, economia solidária, equidade de gêneros e relações mais equilibradas cidade e mundo rural.

Segundo Altieri (2009), “trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito de tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo”.

Em vista disso, pode-se afirmar que o paradigma de desenvolvimento rural associado à agroecologia assimila uma questão que conduz os movimentos sociais camponeses e seus setores aliados dentro do campo de extensão rural. Isso sem esquecer-se da equidade, ou seja, da busca da agroecologia a um acesso igualitário aos meios de vida. A integralidade do enfoque da agroecologia requer, pois, a articulação de suas dimensões técnica e social (SEVILLA GUZMÁN e GONZÁLEZ DE MOLINA, citado por GUZMÁN CASADO et al., 2000).

É também nesse contexto que a comunicação contra-hegemônica se insere. A ampla variedade de iniciativas de comunicação alternativa em rede expressa a

heterogeneidade de movimentos, organismos, grupos e coletivos provenientes de diferentes lugares e contextos, com singulares acumulações de experiências e leques de propósitos. Segundo Moraes (2013), os participantes, atores sociais com protagonismo em seus territórios, atuam no mesmo campo: o da oposição ao domínio dos conglomerados midiáticos e à mercantilização da vida e da informação. “Repõem, ainda que com raio de abrangência muito inferior à dos meios massivos, a circulação social de conteúdos críticos, com o intuito de fecundar contras sentidos e reinterpretações de fatos e acontecimentos” (MORAES, 2013).



Jovens rurais, agricultores e técnicos participam da Oficina de Comunicação para a Convivência com o Semiárido, no território Alto Sertão Sergipano. Foto: Maria Clara Guaraldo

Portanto, agroecologia e comunicação contra-hegemônica também estão diretamente relacionadas aos os processos de desenvolvimento local. Compreendendo desenvolvimento local como o esforço localizado e de parcerias, isto é, dele participam lideranças, instituições, empresas e habitantes de um determinado lugar que se articulam com vistas a encontrar atividades que favoreçam mudanças nas condições de vida aos cidadãos e cidadãs, partindo da valorização e ativação das potencialidades e dos efetivos recursos locais e princípios agroecológicos (JESUS, 2000).

Para Tauk Santos e Callou (1995), o desenvolvimento local é entendido como o processo de construção de oportunidades e melhores condições de vida para as

---

populações locais e, para isso, deve mobilizar capacidades e energias endógenas. O desenvolvimento local traz também a questão da sustentabilidade – não basta crescer economicamente, é preciso aumentar o grau de acesso das pessoas não só à renda, mas à riqueza, ao conhecimento e ao poder ou a capacidade de influir nas decisões públicas.

O III Encontro Nacional de Agroecologia, realizado em 2014, reunindo mais de 3 mil pessoas de todo país, já apontava em seus anais para a importância da comunicação nos processos de intercâmbio de experiências, da produção de conhecimento e da valorização dos saberes locais. “Comunicar um Brasil Agroecológico é, assim, estimular o debate sobre a articulação de uma comunicação em rede, que integre participantes de diferentes territórios com um propósito comum. Nesse sentido, além de divulgar e de produzir instrumentais, a comunicação pode atuar para fortalecer o movimento agroecológico, facilitando o espaço de interlocução entre o mesmo e a sociedade”.<sup>5</sup>

Por tudo isso, pensar a comunicação comunitária inserida no sistema agroecológico ao mesmo tempo em que reconhece e evidencia os processos de desenvolvimento local, surge como um elemento transversal no caminho agroecológico (TALGA; SARIMENTO, 2017).

Nessa direção, o objetivo desse trabalho é apresentar a experiência de formação continuada em comunicação comunitária e agroecologia vivenciada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), em parceria com as redes de agroecologia dos Territórios Agreste Alagoano e Alto Sertão Sergipano e fazer uma relação dessa experiência com as políticas de desenvolvimento local nos dois territórios.

O objetivo das oficinas realizadas nos dois territórios foi favorecer a formação continuada de lideranças comunitárias, para exercer o protagonismo comunicativo, de forma a contribuir com uma nova perspectiva de desenvolvimento rural nos municípios, com enfoque agroecológico e baseado nas premissas da sustentabilidade.

Essa experiência foi certificada em 2017 pela Fundação Banco do Brasil como tecnologia social, no campo da Educação e Agroecologia, por ser considerada uma

---

<sup>5</sup> Carta Política do III Encontro Nacional de Agroecologia, disponível em <http://aspta.org.br/2014/05/carta-politica-do-iii-encontro-nacional-de-agroecologia/> – acesso em 28/2/2017

---

metodologia participativa com caráter reaplicável que contribui para o fortalecimento do desenvolvimento local<sup>6</sup>.

### **A comunicação comunitária no contexto da política pública**

No período de 2012 a 2016, a Embrapa atuou junto a 14 territórios da cidadania no Plano Brasil Sem Miséria (PBSM), programa instituído pelo governo federal em 2011, com a finalidade de superar a situação de extrema pobreza da população em todo o território nacional. Para a população rural, além dos eixos de garantia de renda e acesso aos serviços públicos, o PBSM criou o eixo de inclusão produtiva rural, incluindo nesse contexto a adoção de importantes tecnologias pelas famílias, como o uso de cisternas para consumo humano e para a produção agrícola; a criação de pequenos animais; o plantio consorciado de grãos e palma forrageira, entre outras tecnologias desenvolvidas por organizações não governamentais e também pela Embrapa (NOTAROBERTO, 2017).

Nesse percurso percebeu-se a necessidade de se desenvolver um programa de formação continuada em comunicação comunitária que fortalecesse as ações de inclusão produtiva rural que aconteciam nos territórios que receberam a política pública PBSM. Assim, foram realizadas atividades que discutiram com as comunidades os conceitos de agroecologia, desenvolvimento local, sistematização de experiências, produção comunitária da informação por meio da elaboração de programas de rádio e vídeos para divulgação nas mídias sociais, literatura de cordel, entre outros.

Especialmente em Alagoas e Sergipe todas essas atividades aconteceram em espaços agroecológicos, onde os participantes tiveram a oportunidade de vivenciar o dia a dia dos agricultores, muitos deles, guardiões e guardiãs de sementes crioulas ou líderes de movimentos sociais. O direito à comunicação foi um tema tão importante quando os debates que acontecem no Semiárido sobre o direito a água.

---

<sup>6</sup> Certificação concedida à Embrapa Informação Tecnológica em 2017 conforme link <http://tecnologiasocial.fbb.org.br/tecnologiasocial/banco-de-tecnologias-sociais/pesquisar-tecnologias/detalhar-tecnologia-624.htm> acessado em 10/7/2018



Dona Cida recebe os participantes das oficinas em sua propriedade agroecológica

Foto: Maria Clara Guaraldo

Por isso, o tema da comunicação foi incorporado nos diversos espaços de debates, fazendo interface com os demais temas que se relacionam com o desenvolvimento rural e a sustentabilidade, conforme retrataremos a seguir.

### **Perspectivas metodológicas<sup>7</sup>**

Os territórios Agreste Alagoano e Alto Sertão Sergipano, objeto deste estudo, foram selecionados a partir do projeto Plano Brasil Sem Miséria (PBSM) para a realização das oficinas. Ambos foram escolhidos porque contavam com redes sociais bem estabelecidas, constituídas por parceiros da Embrapa e por organizações não governamentais com experiência reconhecida em processos educativos e de comunicação comunitária.

Em Alagoas, a rede de agroecologia possui atuação consolidada no território Agreste Alagoano, e já se encontra organizada tendo em vista a realização periódica de

---

<sup>7</sup> A descrição da metodologia das oficinas encontra-se detalhada na publicação *Série Documentos – Ações de Comunicação para a Convivência com o Semiárido*, publicada pela Embrapa Informação Tecnológica, e 2017 e disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1071947/acoes-de-comunicacao-para-a-convivencia-com-o-semiarido-brasileiro> e na Revista *Ciência e Sociedade*, n. 69, volume 2, publicada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 2017, e disponível em [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252017000200014](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000200014)

---

um curso de agroecologia para jovens da região, coordenado pela Associação dos Agricultores Alternativos (AAGRA). Sergipe, por sua vez, possui forte atuação da Rede Sergipana de Agroecologia, que realiza eventos, cursos, caravanas em todo o estado. Integram a Rede Sergipana diversos movimentos sociais e organizações não governamentais como a ASA/SE, o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), o Movimento dos Trabalhadores Sem Tera (MST), o Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC), a Associação Mãos no Arado de Sergipe, Sociedade de Apoio Socioambientalista e Cultura (SASAC), entre outras.

A escolha dos conteúdos das oficinas teve como um de seus elementos norteadores discutir o direito à comunicação e como a mídia hegemônica retrata o semiárido. A partir daí, realizaram-se debates, seminários e rodas de diálogos que estimulassem os participantes a refletir sobre as inúmeras possibilidades de construção de novas narrativas a partir do ato de se sistematizar experiências agroecológicas. A sistematização das experiências nesse contexto pode ser compreendida a partir do que Elza Falkembach aponta:

Um instrumento; uma possibilidade; ferramenta apropriada e apropriável para a recuperação e reflexão do viver compartilhado; que faz deste viver, objeto de investigação; espaço de discussão e aprendizagem; e produção de conhecimento que se apoia no confronto de argumentos que as experiências do viver sustentam e dialetizam. (FALKENBACH,2000).

Assim, ao realizarem as visitas às propriedades agroecológicas, os participantes das oficinas realizaram entrevistas com as famílias e produziram fotografias que buscaram retratar as realidades locais, valorizando a história de tantos agricultores e agricultoras. “Ao visualizar interfaces entre a comunicação e a sistematização de experiências, parte-se do princípio de que para comunicar é preciso conhecer e reconhecer práticas, desafios e potencialidades” (NOTAROBERTO, 2017, p.46)

Entre as diversas reflexões dos grupos, foi consenso que a escassez no acesso a um modelo de comunicação plural e diverso é realidade de grande parte da população brasileira, especialmente os mais pobres e aqueles que vivem em locais distantes dos centros urbanos, onde estão concentrados os grupos empresariais de comunicação.

---

Resumindo, a metodologia adotada incluiu rodas de diálogos, reflexões acerca de temáticas tais como agroecologia e os movimentos contra-hegemônicos, comunicação comunitária, sistematização de experiências, intercâmbio de conhecimentos e identidade territorial. Destaca-se também nesse contexto, a presença do componente cultural, onde os participantes elaboraram cordeis e trabalharam com o teatro do oprimido para retratarem suas realidades.

A partir de rodas de diálogos buscou-se debater as seguintes questões: (1) Como se dá a comunicação em minha comunidade/região? (2) Na prática diária, como exerço a comunicação? (3) Como a mídia retrata o lugar onde vivo? (4) E como vejo o lugar onde vivo? (5) Como eu, comunicador, posso ajudar no desenvolvimento da minha região?<sup>8</sup>

A partir das problematizações acima, surgiram importantes reflexões dos participantes, como a do agricultor Florisval Alexandre Costa, presente à oficina de Igaci (AL), que ponderou sobre a necessidade de se aprofundar o debate com a comunidade acerca do excesso de uso de agrotóxicos nas plantações e suas consequências para os humanos e para o meio ambiente. Indagados sobre como mudar suas realidades comunicacionais, os participantes das oficinas identificaram, pelo menos, quatro caminhos para essa mudança: fortalecer a atuação comunitária; conhecer mais sobre a realidade da comunicação brasileira; conhecer a realidade local; buscar formação para aperfeiçoar as produções autônomas.

Outro componente do processo metodológico foram as visitas às experiências agroecológicas, onde os participantes puderam vivenciar o dia a dia de um agricultor agroecológico e seus principais desafios, entre eles a luta pela soberania alimentar e a importância da preservação das sementes crioulas. Ficou claro, a partir das falas dos participantes, que o desenvolvimento de seus territórios perpassa por um conjunto de questões: econômica, comunicacional, agroecológica e de interação e comprometimento dos seus habitantes (NOTAROBERTO, 2017).

O entendimento sobre desenvolvimento local, nas palavras dos participantes, pode ser conferido abaixo, nos trechos retirados de questionários de avaliação aplicados ao final dos eventos:

“É o crescimento dos potenciais comunitários, sejam produtivos, ambientais e culturais, de forma a mantê-los vivos e garantir sua existência futura” (Daniela Bento

---

<sup>8</sup> Questões colocadas para o grupo debater durante as rodas de diálogos.



---

Alexandre, Poço Redondo, SE). “É comprometer-se com o lugar em que se vive” (Arnaldo Rodrigues da Silva, Igaci, AL). “É melhor qualidade de vida e fortalecimento da agricultura familiar” (Ivaniza Leite da Silva, Povoado Cajá dos Negros, Batalha, AL). “Desenvolvimento local é desenvolver as atividades locais a partir do olhar do agricultor, transmitindo os seus ensinamentos aos outros” (Rosangela Vilela, Aracaju, SE) .

Importante ressaltar que esse processo comunicacional criado durante as oficinas emergiu em contraposição à visão hegemônica de comunicação tradicionalmente associada ao universo das mídias que cria um imaginário que distancia a comunicação da realidade mais próxima dos indivíduos. Assim, a capacidade de “comunicar” é mitificada, sendo relacionada com os veículos de massa. Se perde a noção de que a comunicação é um elemento intrínseco das relações ecossistêmicas (GUTIÉRREZ, 2005).

Nessa direção, destaca-se a preocupação do grupo gestor de construir processos participativos, tanto no âmbito do uso da tecnologia agrícola quanto no âmbito comunicacional. Os movimentos sociais se tornaram protagonistas no desenvolvimento e na proposição das dinâmicas que incluíram reflexões acerca da comunicação como um direito tão fundamental quanto o direito à água; sobre a necessidade da democratização das mídias hegemônicas; sobre o papel dos agricultores, extensionistas, comunicadores populares, educadores nos processos agroecológicos locais e no desenvolvimento territorial, entre outras temáticas (BELTRÃO, 2017).

### **Considerações finais**

Esse processo de formação continuada nos dois territórios mobilizou, entre os anos de 2015 e 2016, cerca de 100 participantes, entre homens e mulheres, jovens do campo, blogueiros, radialistas, líderes comunitários e extensionistas – aqui entendidos como agentes de comunicação local e protagonistas do processo de comunicação no território, por meio de quatro oficinas intituladas Comunicação para a Convivência com o Semiárido. A partir desses encontros, foram criadas páginas no Facebook e os diálogos também se seguiram por intermédio de redes de WhatsApp. Atualmente, parte do grupo participa de um novo projeto elaborado pela Embrapa em parceria com as

---

redes de agroecologia de Sergipe e Alagoas que tem como objetivo realizar a formação de jovens em produção multimídia com enfoque na agroecologia.

A principal estratégia para viabilizar essas ações, desde o começo, foi a parceria com as redes locais de agroecologia, o que permitiu uma sinergia maior entre os anseios das comunidades e a Embrapa. Essas iniciativas ganharam mais força a partir da parceria institucional estabelecida com a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), entidade que reúne mais de mil organizações não governamentais que atuam na gestão e no desenvolvimento de políticas para a convivência com o Semiárido.

A partir dessa aliança, novas técnicas e dinâmicas foram incorporadas à metodologia das capacitações até então adotada, bem como foram definidos novos perfis para os integrantes, de modo a possibilitar efetivo engajamento nas propostas solidárias e comunitárias para as ações de comunicação a serem praticadas nos territórios.

A experiência promovida pela Embrapa Informação Tecnológica, com as oficinas de capacitação em comunicação territorial para a convivência com o Semiárido, é um ato de inovação em comparação com os procedimentos normativos da Empresa. Porém, o mais importante, a iniciativa é fruto do protagonismo dos participantes. Assim, a comunicação não é apenas um instrumento, mas um processo, no qual o aspecto institucional ou corporativo não é o mais importante.

A agroecologia e suas dimensões, mostrou-se uma estratégia eficaz enquanto proposta metodológica participativa, exercitando novos formatos para as atividades de formação para além de palestras, cursos e demais experiências em que muitos ouvem e poucos falam. Sob a perspectiva da compreensão sobre o território também deverá assumir um significado mais relevante para os participantes desta formação continuada.

Apesar do encerramento do projeto PBSM e conseqüentemente do componente de comunicação comunitária, em 2016, foi possível construir uma metodologia de comunicação alternativa, baseada nas premissas da participação social, educação e agroecologia. Reconhecida como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil, a metodologia vem sofrendo adaptações e sendo utilizada em outros projetos da Embrapa. No entanto, o paradigma da ciência dominante, que estabelece como lógica científica o produtivismo mercantil, impede que processos como esses avancem no campo da comunicação comunitária e sejam incorporados pelas instituições de pesquisa agropecuária, que insistem em fazer comunicação pelo viés cartesiano e positivista.

## Referências

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BELTRÃO, S.L.L. et al. **Ações de comunicação para a convivência com o semiárido brasileiro**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2017.

FALKEMBACH, E. M. F.. “Sistematizando: Juntando cacos, construindo vitrais”. In: O que é sistematização? Uma pergunta e diversas respostas. São Paulo: CUT, 2000.

GUZMÁN CASADO, G.; GONZÁLEZ de MOLINA, M.; SEVILLA GUZMÁN, E. **Introducción a la agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madrid: Mundi-Prensa, 2000. 535 p.

GUTIÉRREZ, Francisco. Internet, comunicação e sociedade. Problemas, desafios e perspectivas. In MELO, José Marques de et al (orgs). Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún. São Paulo. Cátedra UNESCO, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

JESUS, P. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural Economia Aplicada – nº número 2, vol. IV: 379-397, abril/junho 2000.

LEÓN, Daniel Alfonso et al. Comunicação e Agroecologia: a experiência da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 11, n. 1, june 2016. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/20816>>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

MORAES, Denis. O papel e os desafios da comunicação contra-hegemônica em rede. IN:[blogdaboitempo.com.br/2013/02/27/o-papel-e-os-desafios-da-comunicacao-contra-hegemonica-em-rede/](http://blogdaboitempo.com.br/2013/02/27/o-papel-e-os-desafios-da-comunicacao-contra-hegemonica-em-rede/)

NOTAROBERTO, M.C. G. et al **Sistematização de experiências: um novo olhar a partir do protagonismo das comunidades rurais**. IN: Revista Ciência e Cultura, Cienc. Cult. vol.69 no.2 São Paulo Apr./Jun. 2017.

PERUZZO, Cicília. **Movimentos sociais, cidadania e direitos sociais nas políticas públicas**. **Revista Fronteira** – Estudos Midiáticos, volume 11, p.33-43, jan – abril 2009.

TALGA, Dagmar Olmo; SARMIENTO, Gloria Patrícia Piedrahita. Comunicação e juventude agroecológica: resistências e transformações frente ao agronegócio e oligarquias midiáticas. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 12, n. 1, july 2017. ISSN 2236-7934. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/22329>>. Acesso em: 10 july 2018.

---

PETERSEN, Paulo. Agroecologia e a superação do paradigma da modernização. In: NIEDERLE, P.A.;ALMEIDA, L.;VEZZANI, F.M. (orgs). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós, 2013, 69-103.

TAUK SANTOS, M. Sallet. Gestão da Comunicação no Desenvolvimento Local. In: CALLOU, Angelo Brás e TAUK SANTOS, M. Sallet. **Extensão Rural – Extensão Pesqueira: estratégias de comunicação para o desenvolvimento**. Recife: Fasa, 2014, p.493 – 499.